

Literatura e emancipação feminina na recepção de *Lésbia*, de Délia, em periódicos oitocentistas

Literature and female emancipation in the reception of Lésbia, by Délia, in nineteenth-century periodicals

Maria Luiza Rodrigues Faleiros LIMA*
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Maria Lucilena Gonzaga Costa TAVARES**
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Carolina de Novaes Rêgo BARROS***
Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: A imprensa foi um importante veículo de divulgação das lutas sociais pela emancipação feminina. Dessa forma, é possível encontrarmos nos jornais diversas menções a temas como o direito ao voto, aborto, acesso à educação, entre outros. Ao estudarmos a representação de escritoras no Século XIX, percebemos a relação entre a Literatura e a divulgação dos ideais de liberdade da mulher no período. Assim, discorreremos sobre o papel das autoras oitocentistas e investigamos a recepção da obra *Lésbia*, de autoria de Maria Benedita Bormann, sob o pseudônimo de Délia, considerado controverso ao retratar o divórcio e a tentativa de subsistência da personagem principal através do trabalho como literata. Ao pesquisarmos em fontes primárias podemos localizar obras que merecem ser lidas e estudadas, devido a sua importância para as causas feministas em sua época.

PALAVRAS-CHAVE: Emancipação Feminina. Periódicos Oitocentistas. Maria Benedita Bormann. *Lésbia*.

ABSTRACT: The press was an important vehicle for disseminating social struggles for women's emancipation. In this way, it is possible to find in newspapers various mentions of issues such as the right to vote, abortion, access to education, among others. By studying the representation of women writers in the 19th century, we can see the relationship between literature and the dissemination of the ideals of women's freedom in the period. Thus, we discuss the role of

* Doutoranda em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará e Docente da Universidade Federal do Pará. E-mail: marialuiza@ufpa.br

** Doutora em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará e Docente da Universidade Federal do Pará. E-mail: lucilena@ufpa.br

*** Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. E-mail: carolinanrb@gmail.com

nineteenth-century female authors and investigate the reception of the work *Lesbia*, written by Maria Benedita Bormann, under the pseudonym Délia, which is considered controversial as it portrays the divorce and the main character's attempt to make a living through her work as a writer. By researching primary sources, we can locate works that deserve to be read and studied because of their importance to feminist causes in their time.

KEYWORDS: Female Emancipation. 19th century periodicals. Maria Benedita Bormann. *Lesbia*.

Introdução

O modelo de representação feminina foi sendo construído ao longo da história através das ideias comportamentais de como as mulheres deveriam portar-se nas esferas públicas e privadas. Vera Kessamiguiemon (2002, p. 5) ressalta que o ideal de mulher no período oitocentista deveria estar associado à submissão, pois

Ser mulher era não passar as raia da moralidade dominante. Era não desviar-se, mas submeter-se; pois, na época, insubmissão e insanidade mental eram consideradas sinônimos ou consequências mútuas; uma resvalando ou conduzindo à outra (Kessamiguiemon, 2002, p. 5)

No entanto, apesar das dificuldades impostas pelo patriarcado, muito se discutiu sobre a educação feminina brasileira. Inicialmente, segundo Mary Del Priori (2016, p. 285), a “ignorância feminina era incentivada pelos homens da casa”, contudo muitas famílias tentavam educar suas meninas, como é o caso de grande parte da história familiar das diversas escritoras brasileiras do século XIX. A educação era voltada principalmente às figuras masculinas, visto que, no Brasil oitocentista “a escrita e o saber estiveram associados à ideia de poder, e quem o detinha na sociedade patriarcal era o homem, em consequência a mulher assumia uma posição de inferioridade” (Knapp, 2021, p. 169).

Apesar do pensamento recorrente de que as mulheres não escreviam, não participavam da vida da política e não ajudavam financeiramente suas famílias, os estudos sobre o tema demonstram que elas se envolviam nas mais diversas áreas da sociedade, porém foram sendo esquecidas e silenciadas pela história. Mary Del Priori (2020) afirma que o século XIX “foi o momento em que as mulheres ocuparam outro espaço decisivo: o do texto literário ou político, muitas vezes fazendo de suas canetas uma maneira de ganhar a vida” (Priori, 2020, p. 105), ou seja, tais autoras produziram em demasia, principalmente no campo literário, além de estarem presentes nas diversas regiões do país.

A investigação na imprensa do período permite a reflexão sobre esse processo de educação e representação dos papéis destinados aos gêneros e às mulheres escritoras. Inicialmente, em sua maioria, as publicações eram dirigidas e assinadas por homens da elite de sua época e as mulheres, poucas vezes, conseguiam veicular suas ideias e administrar os periódicos, uma vez que nesse período, às mulheres era imposta:

A imagem de fêmea passiva, reclusa, era com frequência acompanhada pela glorificação da mulher como mãe dos filhos do Brasil, e tem-se demonstrado que, mesmo assim, era-lhe negada influência política e econômica fora do lar, sendo ela bastante influente dentro dos limites do círculo familiar. (Hahner, 1981, p.38).

Deste modo, poucas eram as formas de se manterem entretidas e em contato com novas ideias, sendo uma das mais populares, a leitura dos jornais. Dessa forma, para conquistar esse público feminino, alguns periódicos destinados a elas começaram a surgir. Conforme Constância Lima Duarte:

Mesmo entre os chamados “jornais femininos”, apenas existiam uns poucos periódicos dirigidos por homens atentos às mudanças do comportamento social, e que se apressavam em oferecer publicações especialmente pasteurizadas para o público feminino (Duarte, 2011, p. 78).

Essa pasteurização evidenciava-se através dos principais temas dessas publicações, tais como a moda corrente, os cuidados com a casa e a criação dos filhos, dicas matrimoniais e de beleza, entre outros, o que reforçava ainda mais a condição de submissão das mulheres. Entretanto, segundo Duarte (2011, p. 78), a partir de 1870 muitas publicações consideradas feministas começam a surgir no Brasil, o que promoveu o movimento em prol da educação e liberdade das mulheres, tornando-se importante instrumento para a divulgação dos ideais de desenvolvimento feminino, pois, de acordo com Dulcília Schroeder Buitoni:

No século XIX, encontramos duas direções bem definidas da imprensa feminina: a tradicional, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades ‘femininas’; e a progressista, que defende os direitos das mulheres, dando grande ênfase à educação (Buitoni, 2009, p. 47).

A partir da análise dessa imprensa progressista, constatamos uma quantidade significativa de publicações tratando da emancipação feminina nos periódicos do final do

século XIX e início do XX. Entre essas, damos destaque à publicação da jornalista e escritora Josefina Álvares de Azevedo no jornal *A Família*:

A consciência universal dorme sobre uma grande iniquidade secular – a escravidão da mulher. Até hoje tem os homens mantido o falso e funesto princípio de nossa inferioridade. Mas nós não somos a eles inferiores porque somos suas semelhantes, embora de sexo diverso. [...] Portanto, em tudo devemos competir com os homens – no governo da família, como na direção do estado (*A Família*, n. 01, 18 nov. 1888, p. 1).¹

Publicações como essa tornaram-se constantes, principalmente nos jornais administrados por mulheres. Sendo um desses exemplos, Josefina Álvares de Azevedo utilizou sua atuação na imprensa para divulgar as causas feministas. Além dela, outras literatas e jornalistas também lançaram mão dos jornais para promover a educação e a liberdade das mulheres. Entre elas, citamos: Adelina Vieira; Ana Eurídice Eufrosina de Baranda; Anália Franco; Bertha Lutz; Emilia Freitas; Francisca Senhorinha da Motta Diniz; Julia Lopes de Almeida; Maria Firmina dos Reis; Nísia Floresta (pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto); Mariana Coelho, entre outras.

A partir disso, podemos verificar que “ao escreverem em jornais e, posteriormente, ao assumirem a redação dos periódicos, essas mulheres assumiram uma missão em comum, resgatar o seu sexo da ignorância, arriscando sua reputação e investindo dinheiro nos projetos empreendidos (Dias, 2020, p. 318)”, o que possibilitou importante contribuição para as causas emancipatórias femininas no Brasil.

1 A escrita feminina e a recepção de *Lésbia*, de Délia, nos periódicos oitocentistas

Ao longo da história, a mulher foi, por muitas vezes, excluída e invisibilizada da vida pública e política pela historiografia oficial (Perrot, 1988, p. 170). Muitos eram os empecilhos para veicular suas ideias e opiniões, pois, geralmente, lhes cabiam os cuidados com o lar e os filhos. A esse respeito, Margareth Rago aponta que, embora tenhamos um avanço a partir das conquistas feministas, tanto no Brasil, quanto em outros países, não possuímos ainda um conhecimento mais profundo a respeito da cultura produzida pelas

¹ A linguagem utilizada nos jornais foi atualizada.

mulheres do passado, sendo necessário recuperar a história produzida por elas (Rago, 2012, 14-15).

Em vista disso, estudar as mulheres que tiveram um papel de importância para a mudança dos costumes sociais e não estiveram subjugadas ao gênero masculino, é um trabalho essencial para historiografia literária, um ponto de vista corroborado por Margareth Rago, uma vez que realizar um estudo partindo das experiências femininas:

Trata-se em último termo de avançar para uma história que seja capaz de perceber a complexidade dos processos sociais desde uma ótica que tenha em conta a diversidade de sujeitos que participem deles. É evidente que o esquecimento, abandono, dissimulação, ou como queiramos dizer, da mulher como sujeito activo em tão grande parte da historiografia não contribuiu de nenhuma maneira a proporcionar uma escrita histórica satisfatória, senão que ao contrário contribuiu a assentar a história como discurso ideológico das classes dominantes (Rago, 2012, p. 15).

A retomada dessas perspectivas femininas traz novas concepções aos estudos de gênero, pois apesar da importância de se fazer um estudo que possibilite recontar essa história das mulheres e sua trajetória através da Literatura, nem sempre a historiografia teve como foco essa parcela da sociedade, conforme Nanci Patrícia Sanches:

Os trabalhos historiográficos que discutem a presença feminina nos espaços sociais do século XIX, em sua maioria, tendiam a limitar-se quase sempre a uma discussão focada no gênero masculino, suas relações de grupos, relações econômicas ou então, quando o gênero feminino era abordado, muitas vezes a análise estava reduzida à condição da mulher submetida ao poder: mulheres escravas, prostitutas, contrabandistas etc (Sanches, 2007, p. 82-83).

Apesar de geralmente estarem apartadas do centro de importância no contexto social, devido a seu gênero, “nas últimas décadas, as produções historiográficas vêm ocupando um espaço significativo e possibilitando novas discussões sobre a história social que tem como foco de análise o papel da mulher no século XIX” (Sanches, 2007, p. 82).

Dessa forma, ao discutirmos a circulação e recepção de obras literárias femininas emancipatórias nos periódicos brasileiros da segunda metade do século XIX, é possível traçar um quadro sobre o papel da Imprensa e das mulheres de letras na busca pela emancipação feminina, como afirma Zahidé Lupinacci Muzart:

No Brasil, a literatura feminina somente começa a ser visível, ou um pouco respeitada, no primeiro quartel do século XX. Ainda que produtivas, nossas escritoras ficaram excluídas da historiografia literária, mas, curiosamente,

embora à margem, a literatura feminina foi presença constante nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto nos inúmeros criados e mantidos por elas próprias. Aliás, é quase impossível estudar a literatura feita por mulheres no século XIX sem nos debruçarmos no estudo e levantamento do que foi publicado nos periódicos dessa época. Além da produção em jornais, elas publicaram muitos livros, uma produção, ainda que desaparecida, nada desprezível (Muzart, 2003, p. 225).

Assim, tais obras literárias escritas por mulheres incentivaram o debate sobre o papel social feminino, direito à educação e liberdade para escolher seu modo de vida, além de promover maior inserção no mercado de trabalho, como reitera Luma Pinheiro Dias:

Assim, gradativamente a mulher foi ocupando novos espaços e fazendo ecoar sua voz através de poesias, livros ou artigos em jornais. A escrita feminina reivindicava a valorização social da mulher, questionava o lugar que os homens tinham lhe reservado através de argumentos ou, em todos os casos, através do simples ato de escrever e colocar em prática uma atividade que o discurso reforçava constantemente não pertencer a elas (Dias, 2020, p. 318).

Diante disso, um fato constatado é a relação entre Literatura e emancipação feminina. Ao investigarmos a circulação de narrativas com teor emancipatório, encontramos menções a autoras e obras referendadas pela crítica, além de outras esquecidas por um período, mas que têm sido retomadas e discutidas. Como exemplo citamos o romance *Lesbia*, publicado sob o pseudônimo de Délia, de autoria de Maria Benedita Bormann. A recepção da obra pode ser observada em notas de jornais da época:

Será uma história verdadeira? Será pura fantasia de uma cabeça romântica? Não podemos afirmar nem uma coisa nem outra. O que é verdade, o que é indiscutível é que sob o pseudônimo de Lesbia oculta-se uma escritora inteligente e profundamente conhecedora do coração. Tem defeitos. Quem não os tem? Gosta muito das digressões. O menor incidente é pretexto para ela escrever 5 ou 6 páginas que nos encantam pelo seu estilo bem trabalhado e não vulgar. Gosta muito de citar autores. Se isto revela da parte de Delia muita leitura, por outro lado é preciso convir que o espírito do leitor se fatiga e distrai. Delia não é uma estrepante. Magdalena, um dos seus romances, tem talvez mais vibração do que Lesbia, que, se não é uma obra prima, não deixa de ter algum merecimento. É uma história simples e comovente. Por isso mesmo tem valor. (*A Estação*, n. 21, 15 nov. 1890, p. 10)

Ainda que o crítico tenha considerado o romance um tanto descritivo, afirma o valor literário da obra e os talentos da escritora e intelectual Délia, apesar de ter confundido o pseudônimo da autora, Délia, com o da personagem do romance, Lesbia. O

fato de Maria Benedita Bormann utilizar um pseudônimo chamou atenção dos jornalistas, como notamos:

Acabamos de ser gentilmente brindados com um exemplar de *Lesbia*, novo romance de Delia, magnificamente impresso nas oficinas da Companhia Impressora. Admiradores sinceros da adorável escritora, que por excesso inexplicável de modéstia, continua a ocultar-se em um pseudônimo, vamos ler ansiosamente o seu novo romance, cujo mérito não deve ser menor que o dos anteriores. E, prometendo ocupar-nos devidamente de *Lesbia*, apresentamos agora os nossos cumprimentos à encantadora Delia (*Diário de Notícias*, n. 1949, 14 dez 1890, p. 2).

No trecho observamos que o uso do pseudônimo é interpretado como um “excesso inexplicável de modéstia”, vale ressaltar o destaque dado à Companhia Impressora, o que nos permite aventar, com base na adjetivação, que haveria patrocínio para tal publicação. O mesmo argumento pode ser observado na nota veiculada no periódico *O Apostolo*:

Lesbia, romance em fluminense moderníssimo, da hábil pena de inteligente escritora, que modestamente se oculta sob o pseudônimo de Delia, e faz muito bem: O Lar, o Homem, o Cortiço, a Casa de Pensão, não lhe perdoariam a franqueza das revelações, que assumem todo o interesse, que o leitor malicioso gosta de encontrar em obras de senhoras... [...] Para fazer justiça ao talento da ilustre escritora é força confessar, que capacitando-se um pouquinho mais das leis do decoro e da moral, tem elementos bastantes para substituir a vaga deixada nesse gênero de literatura pelos nossos festejados Macedo e Alencar, até hoje ainda não substituídos (*O Apostolo*, n. 128, 7 nov. 1890, p. 2).

O autor acredita que o uso do pseudônimo foi benéfico, uma vez que os leitores poderiam interpretar as ações da protagonista do romance, Arabela, de forma maliciosa. Além disso, interessante notar que o jornalista sugere que Délia utilize mais o decoro e a moral em suas obras. Apesar disso, chega a compará-la com Joaquim Manoel de Macedo e José de Alencar, grandes expoentes do Romantismo brasileiro.

O uso de pseudônimos, muitas vezes masculinos, bem como o anonimato e siglas, foi um elemento muito utilizado pelas escritoras ao longo da história, como afirma Virgínia Woolf, em sua obra *Um Teto Todo Seu*: “De fato, eu me arriscaria a supor que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem assiná-los, foi muitas vezes uma mulher” (Woolf, 1928, p. 62). Esse artifício era empregado a fim de se evitar as críticas recebidas quando as escritoras assinavam as obras, uma vez que, devido ao patriarcado, o ofício de escritora não era bem aceito ao longo da história.

Para Elaine Showalter (1994), durante o final do século XVIII e ao longo do século XIX, os papéis masculinos e femininos eram separados, “para os homens e para as

mulheres, com pouca ou nenhuma sobreposição e com as mulheres subordinadas” (Showalter, 1994, p. 45). No Brasil, essa separação de papéis ocorria em quase todos os espaços, fossem eles da esfera pública ou privada. Michelle Perrot (2005) confirma tal afastamento de onde as mulheres foram retiradas como “a Bolsa, o Banco, os grandes mercados de negócios, o Parlamento, os clubes, círculos e cafés, grandes locais de sociabilidade masculina, e até mesmo as bibliotecas públicas” (Perrot, 2005, p. 34). Nesse sentido, inferimos que os homens tentaram afastar a mulher da esfera literária ao produzirem discursos desencorajadores, críticas severas e o “amadorismo”, como nomeia Michele Fanini (2008).

Ao longo do século XIX, o silêncio e a submissão feminina foram sendo rompidos, como afirma Michele Perrot (2005). A “posição secundária e subordinada” (Perrot, 2005, p. 9) foi substituída pelas vozes femininas transgressoras que antes eram caladas pelos pais, maridos e críticos e a escrita deixou de ser um “fruto proibido” (Perrot, 2005, p. 36) e passou a ser um alicerce da mulher, e o papel e a caneta tornaram-se indispensáveis.

Aos poucos o anonimato foi perdendo espaço e a coragem de assinalar o próprio texto tornou-se um ato de destemor entre as escritoras brasileiras. No caso de Délia, segundo Pamela Raiol Rodrigues, a escolha de Maria Benedita Bormann pelo uso de pseudônimo:

Está longe de ter sido aleatória e, como vimos, no caso de Délia, o pseudônimo não funcionava como forma de disfarce para melhor caminhar no mundo predominantemente masculino da literatura, tal qual para muitas anteriormente. Para Bormann, o nome era um segundo batismo, um nascimento de uma nova vida a se acoplar àquela já existente; o surgimento da escritora no espaço corporal e mental, onde antes só havia a mulher (Rodrigues, 2021, p. 40).

Embora não houvesse publicado utilizando o próprio nome, a identidade real de Délia foi descoberta, o que trouxe críticas à escritora. A postura radical da sociedade patriarcal em relação à mulher foi descrita por Maria Benedita Bormann na obra *Lésbia*:

Entre nós o preconceito e o atraso relegam a mulher, colocam-na sempre em segundo plano, aceitando ela paciente esse papel secundário por falta de cultura, ou por flexibilidade de ânimo, ou por efeito de educação, ou para não incorrer em singularidade. (Bormann, 1998, p. 98).

A submissão feminina aos homens era vista pela escritora como resultado do meio social e da educação recebida pelas mulheres. Além disso, para a autora, outro motivo, poderia ser o fato de as senhoras que ousassem se impor ao tratamento recebido, incorrerem em singularidade, ou seja, serem rotuladas de forma negativa pela sociedade, uma vez que perdurava na época a crença, principalmente dos pais e maridos, de que ao terem acesso à leitura e escrita, as mulheres poderiam ser facilmente cortejadas por outros homens, o que, se viesse à público, afetaria a reputação da mulher solteira e a desonraria a mulher casada.

Devido ao teor emancipatório da mulher e ideias contrárias aos padrões da época, o lançamento de *Lésbia*, em 1890, causou polêmica ao narrar a história de Arabela, uma mulher insubmissa aos padrões sociais da época, como o casamento e criação dos filhos, que rejeita se submeter a um casamento no qual não estava feliz e busca a própria independência e emancipação através da escrita, como pode ser observado no artigo de opinião publicado por Ignotus, no periódico *O Paiz*: “Quase toda a imprensa fluminense acolheu friamente, ou antes, com surda hostilidade, o último volume da ilustre escritora, que outrora provocara ao surgir no jornalismo os mais entusiasmados aplausos.” (Ignotus, *O Paiz*, n. 3209, 29 abr. 1891, p. 1)

Acreditamos que a hostilidade com a qual a obra foi recebida deve-se às atitudes da personagem principal, que iam contra aos papéis impostos pelo patriarcado. O enredo foi definido em artigo de opinião veiculado no periódico *O Mercantil*:

Arabella, bonita e instruída, é casada com um imbecil. Arabella separa-se do marido e faz-se literata; publica folhetins, romances e poesias; notabiliza-se; recebe quinhentos contos de réis de um bilhete de loteria; fica viúva e órfã; apaixonou-se por Pereira, homem muito bom - e vão ambos para a Europa, transformados, ele em Catullo e ela em Lesbia. Ao voltar da Europa, depois de uma demora de oito anos, em companhia de Pereira - Catullo, Arabella apaixonou-se por outro homem, o dr. Alberto Lopes, mas não querendo ser infiel ao seu amante, suicida-se; e morre, balbuciando: — Catullo!... Alberto... (*O Mercantil*, n. 1859, 9 nov. 1890, p. 1).

Assim, Arabela sofreu o destino comum das personagens que desafiavam as convenções sociais ditadas pelo patriarcado: acabou morta. Além disso, a liberdade de Arabela em escolher seu esposo e, posteriormente, se separar dele, eram atitudes incompatíveis com o ideal feminino da época, que postulava que as mulheres deveriam se submeter a casamentos infelizes.

No jornal *A Família*, um dos periódicos mais importantes do século XIX, dirigido por uma mulher no Brasil, segundo Constância Lima Duarte (2016, p. 313), as desventuras de Arabela são responsabilizadas ao caráter abusivo dos homens com os quais a personagem se relacionava:

Começa a desventura d'um lar, desde que a imbecilidade do homem põe de parte a personalidade da mulher. E desde então, esfolhadas e semi-mortas, uma a uma das ilusões queridas, traído o coração, esfacelada a crença, tudo se vai, de envolta nos baldões da sorte, águas abaixo no declive fatal... (Zefa, *A Família*, n. 82, 6 nov. 1890, p. 2).

Observamos que a autora do artigo de opinião é uma mulher, talvez, por isso, não encontramos o julgamento aos quais eram submetidas as mulheres que optavam pelo divórcio na época em que o romance foi escrito. A quebra das ilusões e expectativas de Arabela, inicia-se logo após o casamento:

No fim de oito dias, já ela se arrependia, medindo a profundidade do abismo onde se despenhara; suspirou, pôs ao ombro o pesado lenho do matrimônio, abafando os queixumes que lhe subiam aos lábios e devorando as lágrimas que lhe escaldavam as faces. São tão habilidosos os homens que apagam de todo nos corações que os amam os mais veementes afetos. Assim sucedeu entre Arabela e o marido: a grosseria e o bestial ciúme deste último mataram a ternura da pobre moça. Infundindo-lhe um rancor que aumentava de dia a dia. Tinha zelos da beleza, da graça e do espírito da mulher, tentava mesmo amesquinhá-la, para que ela duvidasse do próprio merecimento e assim não visse a distância que os separava (Bormann, 1998, p. 40-41).

Ao abandonar o marido e não se submeter a sua personalidade opressora, Arabela rompe com os padrões de submissão que dela eram esperados, o que gerou opiniões diversas na sociedade oitocentista. A recepção pelos leitores e redatores dos jornais foi divulgada em alguns periódicos. O jornal *O Paiz*, no qual Bormann foi colaboradora, publicou um artigo de opinião, de autoria de Ignotus. No texto, o autor questiona a educação literária recebida pelas mulheres e o ofício de escritora:

[...] É lícito exigir nesta terra de uma escritora, a perfeita compreensão dos processos modernos, tão fatigantemente científicos, do estilo e da arte? Aqui, as senhoras não tem educação literária, limita-se sua ciência aos romances de Jorge Orhel. E aquelas que se esforçam em dar ao seu espírito uma educação mais profunda, que sentindo em si a chama divina do talento, procuram tornar-se poetisas ou escritoras, longe de receberem do público esses aplausos que são para o artista a mais nobre e mais consoladora recompensa de seus trabalhos, tem pelo contrário de lutar contra a força dos preconceitos e contra a baixeza das infâmias.
Para uns, elas não passam de ridículas e desfrutáveis, como as preciosas do século de Luiz XIV, que Molière eternamente imortalizou no bronze de seus

versos. Outros atacam brutalmente a honra de mulher, inventando amantes que lhe escrevem artigos. É triste, mas é verdade. Nestas condições, pois, sem preparação, sem estudos metódicos e regulares, sem estímulos que despertem a atividade do cérebro, antes fatigado por esta luta mesquinha, como julgar severamente o livro de uma escritora brasileira? (Ignotus, *O Paiz*, n. 3290, 29 abr. 1891, p. 1).

Os obstáculos que as mulheres enfrentaram ao longo da história para se educarem, e conseqüentemente, se dedicarem à escrita, impediam o desenvolvimento e sucesso de sua arte. Ainda assim, destacamos que a crítica endereçada à autora de *Lésbia* é positiva, o que nos permite considerar que, aos poucos, a escrita feminina vai conquistando espaço e defesa em meio ao tão restrito e masculino cânone brasileiro.

Era pensamento corrente, na época, que as mulheres deveriam submeter-se aos esposos, dedicar-se aos cuidados com os filhos e o lar e, ao se dedicar à escrita, elas deixariam de lado os sentimentos afetivos e sua moral poderia ser deturpada, como observamos a seguir:

[...] Se eu bem compreendi o romance, parece-me que Delia teve em vista sustentar que o cultivo das letras não extingue na mulher os sentimentos afetivos, ao contrário, aumenta-os e duplica-os à proporção que se alargam seus conhecimentos e se robustece o seu talento. É a resposta à velha gritaria de que o espírito mata o coração. Levantada em França, quando George Sand com a publicação de *Indiana* empreendeu em uma série de romances a campanha contra o casamento, a burguesia literária, pacata e respeitadora, ferida em seus princípios de moral pelas audácias desta escritora, procurou na sua vida privada demonstrar que a mulher que escreve para o público extingue a sensibilidade de sua alma (Ignotus, *O Paiz*, n. 3290, 29 abr. 1891, p. 1).

O autor da nota, ou autora, estabelece um posicionamento em favor da educação e escritura feminina, ao afirmar que escrever não altera a índole ou o temperamento das mulheres e que elas precisam lutar contra o preconceito, pois, para algumas pessoas, devido a sua escrita, elas seriam consideradas “desfrutáveis”. Segundo Ignotus, as mulheres escritoras podem amar, como qualquer outra, mantendo “os puros afetos da alma, os sentimentos do coração”, e complementa que:

[...] *Lésbia*, me parece, foi um protesto contra este modo de sentir, contra esta escola que afirma matar o cultivo da inteligência na mulher, os puros afetos da alma, os sentimentos do coração. A ilustre colaboradora d’*O Paiz*, em um estilo que, se por vezes é descuidado, tem ordinariamente cintilações faiscantes de *verve* e de colorido vigoroso, deu em sua heroína o tipo da mulher que brilha na imprensa como escritora, aplaudida e festejada, mas tão sensível, tão ávida de amor, que vive a se apaixonar e por gente que não a merece.
[...] A instrução não influi sobre o desenvolvimento do caráter. A mulher escritora será pura ou divertida, segundo a força de seu temperamento e o

influxo da educação que recebeu. Há porém para o talento sempre uma simpática indulgência (Ignotus, *O Paiz*, n. 3290, 29 abr. 1891, p. 1).

Apesar do tom condescendente em relação às mulheres, ao afirmar “Quem, não perdoará, como Cristo perdoou a Madalena, os erros e fraquezas de uma mulher, quando ela se chama George Sand, quando escreve romances como *Consuelo* ou dramas como o Marquez de Villemer? A arte não é uma escola de moral para o uso de tímidas donzelas.” (Ignotus, *O Paiz*, n. 3290, 29 abr. 1891, p. 1), ao se posicionar contra os títulos pejorativos e críticas à honra que algumas escritoras receberam, Ignotus reafirma a importância da literatura feminina para a sociedade da época. Tal posicionamento sobre a publicação do mesmo romance é compartilhado por Olavo Guerra, em um artigo intitulado *O Talento*:

Há dois ou três anos que o talento feminino tem desabrochado no Brasil de uma maneira agradável e auspiciosa, mostrando que a cultura das letras tem penetrado beneficentemente no santuário da família e que, portanto deixou de ser, como diziam os burgueses, o divertimento nocivo dos ociosos, dos malucos e dos bêbados (Guerra, *Diário de Notícias*, n. 1995, 14 dez. 1890, p. 1).

Ao afirmar que há dois ou três anos o talento feminino tem desabrochado no Brasil, observamos a invisibilidade sofrida pelas escritoras brasileiras, uma vez que o crítico ignora as publicações das décadas anteriores. Constância Lima Duarte (1994) questiona o fato de que, apesar de terem escrito significativamente ao longo da história, as mulheres não aparecem no *hall* do cânone literário, tendo sido apagadas da historiografia literária mundial, o que ela intitula de *memoricídio*. Em partes, o contexto familiar de não incentivar a escrita feminina como fonte de trabalho foi um motivador desse apagamento, pois

Enquanto os homens dominavam o espaço público, as mulheres permaneciam confinadas em suas casas, analfabetas, cuidando unicamente de afazeres relacionados à família e submetidas a uma ordem patriarcal que estabelecia sua inferioridade. Vejam, estou me referindo às mulheres da elite, pois a experiência vivida pelas mulheres negras, escravizadas ou libertas, foi muito diferente. Até as últimas décadas do século XIX, e mesmo nas primeiras do XX, ainda causava espanto uma mulher manifestar o desejo de ter independência financeira, querer votar, fazer um curso superior! E a publicação de uma obra de autoria feminina costumava ser recebida com desconfiança ou, na melhor das hipóteses com certa condescendência pelo público leitor masculino. Afinal, era *só* uma mulher escrevendo, deviam pensar os que pregavam a inferioridade mental, moral e física do gênero feminino (Duarte, 2022, p. 15).

O número de mulheres que se dedicavam à escrita era grande, entretanto, o número das que conseguiam publicar era muito restrito. Outro dado, destacado por Zahidé

Muzart (2003), é o fato de as obras literárias de autoria feminina terem sido apagadas ao longo do tempo, na verdade, advém de um fator político, “pois não só porque mulheres escritoras são esquecidas; são esquecidas sobretudo as mais atuantes, as feministas, em uma palavra” (Muzart, 2003, p. 2).

Logo, pensando no período histórico analisado nesse trabalho, destacamos o fato de as autoras vítimas de memoricídio terem colaborado para a causa da emancipação feminina, ou seja, o direito de a mulher ir à escola, trabalhar, publicar obras literárias ou artigos em periódicos e abrir seus próprios estabelecimentos jornalísticos, todas aquelas que quebraram o silêncio imposto pelos homens (Perrot, 2005).

Ao investigarmos a história de vida dessas escritoras oitocentistas, é comum constatarmos que, em sua maioria, as autoras brasileiras possuíam conhecimento elevado; desfrutavam de educação (leitura e escrita) fora ou dentro de casa, sabiam mais de duas línguas, principalmente o francês; dedicavam-se não somente às letras, mas aos estudos da arte, da pintura, além do aprendizado em instrumentos musicais, como o piano, incentivadas também por familiares.

Alguns exemplos como as escritoras Juana Manso, Nísia Floresta, Inês Sabino, Corina Coaraci, Luísa Leonardo e Júlia Lopes de Almeida, que a princípio foram ajudadas de alguma forma pelos próprios familiares (pai, mãe, tias, padrinho e maridos). Ademais, a maioria dessas mulheres possuía outros ofícios além de escritora, como os de professora ou preceptora.

Algumas dessas autoras são citadas no texto de Olavo Guerra veiculado no *Diário de Notícias*: “Do talento feminino atestam o desenvolvimento as exmas. sras. Baronesa do Manguaguape, Ignez Sabino, Julia de Almeida, Corina Coaracy e muitas outras” (Guerra, *Diário de Notícias*, n. 1995, 14 dez. 1890, p. 1). Em relação à obra de Délia, ele assegura que:

[...] Lésbia é um trabalho que faz a reputação de sua autora, equiparando-a aos nossos maiores talentos. Pelas diversas citações que faz de principais mestres no correr do enredo, demonstra Délia (a autora) que é instruída, que tem bom gosto, e que cultiva com critério a literatura, engrandecendo assim as letras pátrias (Guerra, *Diário de Notícias*, n. 1995, 14 dez. 1890, p. 1).

Para o autor, o cultivo das letras pelas mulheres não é algo prejudicial a sua moralidade, como algumas pessoas acreditavam no século XIX, portanto, Délia, ao se mostrar culta, engrandeceria a literatura do país, uma vez que, de acordo com Guerra,

“Antigamente a mulher falava da vida alheia e cozinhava; hoje escreve romances” (*Diário de Notícias*, n. 1995, 14 dez. 1890, p. 1). Apesar da tentativa de defender o talento das escritoras brasileiras, era real o preconceito a que as mulheres foram submetidas ao longo da história.

Essa representação era bastante divulgada na época, o que demonstra que as mulheres de letras e suas obras tiveram um papel representativo na busca por uma maior difusão das causas emancipatórias femininas. Entretanto, apesar de algumas dessas escritoras terem sido louvadas e obtido apoio em sua época:

Outras, como Délia (Maria Benedita Bormann), de ideias muito mais livres, sobretudo em relação ao sexo, como o apoio ao divórcio, foram totalmente apagadas. Porém, no cômputo geral, todas ficaram esquecidas, militantes ou colaboracionistas, senhoras ou cortesãs! (Muzart, 2003, p. 227).

Um aspecto observado é que algumas dessas obras, possivelmente, foram publicadas, mas se perderam no tempo, como foi o caso de *Úrsula* (1859) reencontrada em um lote de livros antigos pelo bibliógrafo e colecionador Horário de Almeida e reeditada praticamente 100 anos depois da primeira edição. Um segundo exemplo é o romance *O Mameluco* (1882), escrito por Amália Rodrigues, reeditado a partir da publicação presente no periódico *Echo Sant’Amarense*, de 1882, que está arquivado no acervo da Biblioteca do Estado da Bahia.

Outro caso é o do manifesto *Direito das mulheres e Injustiça dos Homens*, escrito por Nísia Floresta, que teve sua terceira edição publicada em 1839, pela editora Casa do Livro Azul, no entanto, 150 anos depois, apenas em 1939, a pesquisadora Constância Lima Duarte resgatou e relançou a obra. Além do caso de Juana Manso, que iniciou a publicação do romance *A Família do Comendador*, em 1853, no periódico *A Imprensa*, mas não seguiu com a publicação e não publicou o livro físico no território brasileiro, sendo a primeira publicação em livro no território argentino.

Ao retomarmos esses textos, muitas vezes esquecidos pelo público, acreditamos ser possível destacar a importância de trazer à tona obras arquivadas em setores de microfilmagem e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, que recontam a história sociocultural da Literatura feminina e feminista, e, conforme Michelle Perrot poderemos “inverter as perspectivas historiográficas tradicionais, demonstrar a presença real das

mulheres na história mais cotidiana” (Perrot, 1988, p. 171), uma contribuição tanto para a Historiografia Literária no Brasil, quanto para a pesquisa sobre as relações de gênero.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa no Brasil tem sido, desde seus primórdios, uma das principais formas de disseminação de opinião, entretanto, durante muito tempo, esse instrumento esteve nas mãos de elite econômica e cultural formada apenas por homens. Assim sendo, a voz feminina começou a ser mais ouvida quando as mulheres conseguiram publicar seus próprios periódicos.

Uma das principais formas de se expressarem foi através da literatura, na qual idealizavam uma sociedade em que as mulheres pudessem ter mais liberdade para se posicionar e lutar contra o patriarcado, que buscava ditar as regras para suas vidas particulares. Assim, figuras de destaque na literatura emancipatória, como Maria Benedita Bormann, enfrentaram o preconceito da época, para publicarem suas obras e serem lidas.

Por um período, essas autoras ficaram esquecidas, entretanto, com o desenvolvimento de estudos de literatura feminina e feminista no Brasil e as crescentes pesquisas acadêmicas que busca de dar notoriedade à escrita feminina oitocentista, além da pesquisa nas fontes primárias, como os jornais de época, podemos resgatar obras que merecem serem lidas e analisadas, devido a sua importância para a causa da emancipação feminina em sua época.

Portanto, a história literária feminina durante o Oitocentos é diversa e o papel de restaurar essa trajetória torna-se crucial, ao percebermos que durante seu período de vida, muitas autoras não passaram despercebidas e foram aclamadas pelo público e hoje estão apagadas do cânone literário.

Diversos nomes tiveram importância e relevância para época, no entanto, por vários motivos suas histórias foram esquecidas, e, desde o final do século XX, seus nomes estão sendo rerepresentados para a sociedade contemporânea, tornando o cânone literário cada vez mais amplo, diverso e, finalmente, reparando o enorme apagamento das escritoras ao longo dos últimos séculos.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, J. A. de. **A Família**. São Paulo: n. 01, p.1, 06 ago. 1888.
- BARBOSA, S. de F. P. **Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no Século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- BUITONI, D. S. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.
- BORMANN, M. B. **Lésbia. Introdução:** Norma Telles. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.
- DEL PRIORI, M. **Histórias da gente brasileira: volume: Império**. São Paulo, 2016.
- DEL PRIORI, M. **Sobreviventes e Guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000**. São Paulo: Planeta, 2020.
- DIAS, L. P. Desafiando as diferenças sexuais: a ousadia da escrita feminina nos oitocentos. In: SILVA, M. D. de C. e; FERREIRA, R.; BARROS, F. L. de. (org). **História, Literatura e Imprensa: meios e modos de pensar o passado**. Teresina: Editora Cancioneiro, 2020.
- DUARTE, C. L. **Imprensa Feminina e Feminista no Brasil: Século XIX**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- DUARTE, C. L. **Memorial do Memoricídio: Escritoras brasileiras esquecidas pela história**. volume I. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022.
- DUARTE, C. L. **Mulher e escritura: produção letrada e emancipação feminina no brasil**. Pontos de Interrogação. n. 1. Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural Universidade do Estado da Bahia, Campus II. Vol. 1, n. 1, p. 76-86, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1431>. Acesso em: 05 jan. 2022.
- FANINI, M. A. **Fazer da pena um ofício: a profissionalização literária feminina no brasil da virada do século XIX para o XX**. Blumenau: Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação, v. 2, n. 3, p. 291 - 310, set.- dez. 2008.
- GUERRA, **Diário de Notícias**, n. 1895, 14 dez. 1890, p. 1.
- HAHNER, J. E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850 –1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- IGNOTUS. **“Lesbia, Romance de Delia”**. O Paiz. Rio de Janeiro: n. 3290, p. 1, 29 abr. 1891.

KESSAMIGUIEMON, V. **A educação da mulher e a produção literária feminina na transição entre os séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro. Teias, n. 5, ano 3, jan. - jun. 2002.
MUZART, Z. L. Uma espada na imprensa das mulheres no século XIX. Estudos Feministas. Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 225-233, jan-jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história.** São Paulo: EDUSC, 2005

PERROT, M. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAGO, M. Prefácio. In: TELLES, N. **Encantações:** escritoras e imaginação literária no Brasil, Século XIX. São Paulo: Intermeios, 2012.

RODRIGUES, P. R. **Uma é a escritora, outra, a mulher:** Um estudo sobre as duas facetas da personagem feminina em *Lésbia* (1890), de Maria Benedita Câmara Bormann (Délia). (Mestrado em Letras – Estudos Literários) - Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL, Instituto de Letras e Comunicação – ILC, Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2021.

SANCHES, N. P. L. **Fora do tom, fora da ordem:** vadios, mulheres e escravos no império do Brasil. In: Caderno Espaço Feminino, v. 17, n. 01, Jan./Jul. 2007.

SHOWALTER, E. A crítica feminina no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Tendências e Impasses** – O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

WOOLF, V. **Um teto todo seu.** Círculo do Livro S.A. São Paulo: 1928.

ZEFA. **A Família**, n. 82, 6 nov. 1890, p. 2.

Periódicos

A Estação, n. 21, 15 nov. 1890, p. 10

Diário de Notícias, n. 1949, 14 dez. 1890 1949, p. 2

O Apostolo, n. 128, 7 nov. 1890, p. 2

O Mercantil, n. 1859, 9 nov. 1890, p. 1